

Sobre os jovens e a independência



Muitos jovens reagiram à nossa conversa da semana passada a respeito da dependência deles em relação aos pais e à escola. A maioria identificou-se com o contexto abordado, e vários deram seu próprio testemunho para ilustrar a complexidade da situação. Por isso, hoje a conversa é dedicada a eles, jovens recém-ingressos na faculdade, já formados e à espera de um emprego ou já trabalhando, entre 18 e 30 anos.

Alguns afirmam que a dependência econômica os submete aos pais. Muitos estendem o período de seus estudos enquanto não encontram um emprego ou até mesmo para adiar a busca de um. E não tem sido fácil uma colocação profissional que permita ao jovem adulto viver às próprias custas, não é?

Vamos convir que não é simples viver de acordo com os próprios valores e convicções quando o jovem depende dos pais para se sustentar. A independência social e afetiva, entretanto, pode ocorrer antes da econômica, sim. Não vamos negar que a situação é delicada porque os pais, por sua vez, narcisistas de carteirinha, não colaboram muito. Eles têm dificuldades em redefinir seu caminho na vida agora que os filhos estão crescidos. Do mesmo modo, hesitam em adotar formas familiares mais flexíveis que permitam a adaptação da convivência do novo grupo.

A família começa a mudar bastante a partir do momento em que os filhos se tornam adolescentes, mudanças essas que devem ocorrer de modo gradual, para que pais e filhos se preparem para a saída dos mais novos. E por saída não se deve entender apenas a saída física ou econômica mas também a saída da dependência, do controle, do poder e da autoridade. E essa é a parte mais difícil para os pais.

Os filhos relutam muito em assumir sua autonomia porque sentem que abandonam os pais e também porque isso significa terem de assumir sozinhos a responsabilidade por suas decisões, de enfrentar sem anteparo essa "vida bandida", como escreveu uma leitora.

Eles não estão acostumados com essa situação, já que os pais sempre os protegeram, por isso desistem facilmente e pensam que as dificuldades são muito grandes e que, para desfrutar da liberdade, é preciso ter muita responsabilidade. Ser livre dá trabalho. Apesar de tanta dificuldade e trabalho árduo pela frente, agora é com eles. Os jovens, mesmo os que acabaram de entrar na faculdade, já têm recursos próprios para fazer frente às vicissitudes da vida. Eles já conseguem fazer escolhas e renunciar, já têm condições para avaliar as situações. Essas são algumas das condições que permitem o exercício da autonomia, que, se não foi ensinada e adquirida anteriormente, pode ser construída, mesmo que progressivamente e com custos para o jovem. Para assumir essa condição de vida, entretanto, é preciso saber ser sozinho e não considerar outras possibilidades. Muitos jovens consideram, e aí é que reside um grande problema.

Eles acreditam, por exemplo, que têm a escolha de não encarar a vida com todos os compromissos que ela impõe sem ter de arcar com as consequências dessa atitude. Conheço jovens universitários que não se conformam com a reprovação seguida em algumas disciplinas e colocam a culpa disso na estrutura do curso, na equivocada didática do professor, na falta de tempo para fazer os trabalhos. Mas tempo para a diversão, isso eles têm.

Essa é a questão: eles ainda consideram a possibilidade de encontrar uma maneira de resolver as situações da vida sem ter de fazer esforço, sem assumir a responsabilidade. E colocam a culpa do que lhes acontece sempre fora de si mesmos. Nos pais, de preferência.

Mas eles têm potencial para ir adiante. Se não foram encorajados antes pelos pais e pelos professores - que parecem preferir poupar em vez de incentivar-, agora precisam criar coragem para viver a própria vida, por mais dura que ela seja, e para enfrentar alguns fracassos que são inevitáveis.

"Como vencer esse estado de imaturidade, essa resistência em crescer?", perguntou um jovem leitor. Cada um tem um jeito de vencer essa batalha, mas talvez o mais importante seja aceitar um fato: o sentido da vida é sempre para a frente.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)